



MANDATO 2021-2025

SEGUNDA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

ATA Nº5

Ao vigésimo primeiro dia do mês de abril de dois mil e vinte e dois, pelas vinte horas e trinta minutos, reuniu a Assembleia de Freguesia da Penha de França em Sessão Extraordinária, no salão da Igreja Paroquial de São Francisco de Assis, sob a presidência de Maria Luísa Rodrigues das Neves Vicente Mendes, coadjuvada pelo Primeiro Secretário João Carlos Ventura Ramos, e pela Segunda Secretária, Elsa Maria Noura do Sacramento. -----

Estiveram presentes, para além dos já mencionados, os seguintes Membros da Assembleia de Freguesia: -----

Pelo Partido Socialista (PS): -----

José de Carvalho Ferreira, Maria Eugénia Sabino Guerreiro Colaço e Maria Luíza Correia Valente; -----

Pela Coligação Democrática Unitária (CDU): -----

Idália Maria Tiago Custódio, Ana Sofia Moutinho Calado e Gonçalo Miguel Martins Gomes; -----

Pelo Partido do Centro Democrático Social/Partido Popular (CDS/PP): -----

Sofia Rita dos Santos Peralta Félix Teixeira e Sérgio Senciuc; -----

Pelo Partido Social Democrata (PSD): -----

Maria de Lourdes Dionísio Duarte Borges e Renato José dos Santos Lucas Caldinhas;

Pelo Bloco de Esquerda (BE): -----

Joana Filipa Amaral Grilo; -----

Pelo Livre: -----

João Filipe Lourenço Monteiro; -----

Pelo Chega: -----

Luís Manuel Dias da Silva Costa Matias; -----



PONTO ÚNICO

COMEMORAÇÃO DO 48º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Boa noite a todas e a todos, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor coronel, que nos dá a honra de participar nesta nossa Sessão, Senhoras e Senhores funcionários, minhas Senhoras e meus Senhores, vamos dar início à Sessão Extraordinária da Assembleia de Freguesia comemorando o 48º aniversário do 25 de Abril. ----

Peço desculpa de me comover, mas eu não consigo falar do 25 de Abril sem me comover. ----

Poderão alguns perguntar o porquê de a Assembleia de Freguesia todos os anos fazer questão de comemorar esta data. Tenho para mim que cada vez é mais necessária esta comemoração. Os mais novos não se lembram de como era. E é obrigação de todos nós fazê-los lembrar o que era este Portugal antes do 25 de Abril de 1974. -----

Lembro-me das crianças descalças. Lembro-me das poucas pessoas que sabiam ler e escrever. Não nos podemos esquecer que, a seguir ao 25 de Abril, quando foi feito um levantamento, cerca de 60% das pessoas do nosso país eram analfabetas. Lembro-me do medo, das pessoas que se atreviam a discordar. Lembro-me até uma coisa tão ridícula e tão mesquinha que era, por exemplo, quando estavam três pessoas conversando numa esquina aparecer alguém que dissesse que tinham de circular. E fundamentalmente lembro-me de não se poder dizer “não”. -----

E o 25 de Abril é necessário ser lembrado para que não haja a tentação de se voltar àquele tempo. E é nossa obrigação dizer aos mais novos como era, porque eles não fazem a mínima ideia, mas dizer-lhes como era e como é agora. A liberdade que nós temos, a democracia que nós temos. -----

Nesse sentido temos hoje a nossa Sessão Comemorativa. Todos têm nas cadeiras o programa. E fazemos questão de convidar sempre alguém que, na primeira pessoa, nos diga como é que viveu esse glorioso dia, o que para mim é o glorioso dia deste País. -----

Temos, como digo, o nosso convidado, Senhor Coronel Jorge Sales Golias. Capitão de Abril. Nasceu em 1941, em Mirandela. Fez o antigo quinto ano do Liceu na sua Terra Natal, e mais tarde do sétimo ano em Vila Real. Frequentou a Academia Militar e licenciou-se em engenharia eletrotécnica no Instituto Superior Técnico. Esteve na guerra colonial na Guiné entre 72 e 74. Participou no 25 de Abril. Foi chefe de gabinete do encarregado do Governo da Guiné. Assistente dos CTT/TLP e adjunto do General Chefe do Estado-Maior do Exército. Reformou-se antecipadamente e durante 10 anos foi administrador de empresas no ramo da investigação e desenvolvimento da eletrónica. É autor de 5 livros dos quais me permito destacar “A Descolonização da Guiné-Bissau e o Movimento dos Capitães”. É coautor de diversas publicações, das quais destaco também “Vinte Cinco de Abril - 10 anos Depois’, Mirandelês’ e

'Os anos de Abril'. O seu nome consta, e a sua obra, de vinte antologias. É cronista nos jornais 'Notícias de Mirandela', 'Notícias de Trás-os-Montes e Alto Douro' e da revista 'Raízes'. Foi fundador e coordenador da Tertúlia Transmontana da Casa de Trás-os-Montes, conferencista na Universidade de Coimbra, no ISCTE, no Congresso dos Professores de História, na Casa da Achada e na Associação 25 de Abril. -----

E dentre muitas condecorações que poderia estirar aqui no seu peito, está a Ordem da Liberdade, o grau de Grande Oficial, condecorações dadas pelo Presidente da República. -----

Senhor coronel, agradeço mais uma vez a sua presença, o querer e aceitar partilhar connosco toda a sua vivência, e a palavra da sua. Muito obrigada. -----

Coronel Jorge Sales Golias: *"Boa noite a toda a gente. Obrigado pelo convite. Devem estar a pensar como é que um Capitão que fez a guerra da Guiné diz que participou no 25 de Abril. Já vou explicar. -----*

Mas antes de entrar por aí, gostaria de dizer que, apesar da Senhora Presidente já ter dado aqui uma ideia do que era a vida há cinquenta anos, a contextualização é cada vez mais importante em história para que se perceba bem as coisas, porque é que os capitães, os jovens capitães, que tinham uma carreira à frente, quais seriam as motivações, tão fortes e tão vastas, que os levaram a correr riscos de vida e de carreira. -----

Vou falar aqui muito brevemente sobre o que era o contexto mundial na altura, o que era o contexto nacional, o que foi a guerra colonial e a Revolução dos Cravos. Vou tomar vinte e poucos minutos. Espero não vos maçar. -----

Há cinquenta anos aquilo que mais nos chegava da Europa eram os ecos do Maio de 68 francês. O Maio de 68 francês foi um movimento estudantil que, pela primeira vez na história, teve mulheres, mulheres em número significativo. Lutavam por uma melhor educação e uma maior liberdade sexual. A frase mais importante que ficou dessa altura é o "É proibido proibir", foi o grito de liberdade. Um ano depois, em 1969, foi o festival do Woodstock, nos Estados Unidos da América, com três dias de música. A contracultura Hippie e alguns se saberão isso era. E pela segunda vez, outra vez mulheres. O grito que aqui ficou foi desta vez o "Make Love Not War" era o grito de paz da altura. Tudo isto se pode sintetizar numa utopia da Juventude por uma maior justiça social, pela melhor distribuição da riqueza, no fundo eram as bandeiras do Socialismo e da Social Democracia que na altura imperavam na Europa. Toda a Europa era democrática, exceto Portugal, Espanha e a Grécia. -----

A Senhora Presidente já falou aqui de alguns aspetos do que era a vida nessa altura. Portugal era rural. A pobreza era extrema, o analfabetismo era grande. Salazar dizia "basta que os portugueses saibam ler, escrever e contar", portanto, bastava que tivessem apenas a segunda classe. Só metade das casas tinham água, luz e saneamento. As escolas eram divididas por sexo,

não havia liberdade, nenhuma, de reunião, expressão, manifestação, leitura. Havia um índice, que uma lista de livros proibidos. A censura era feita sobre os livros, sobre o teatro, sobre o cinema. A polícia política perseguia toda a gente, houve trinta mil presos, vários assassinatos e julgamentos sumários. Não havia direitos das Mulheres, nem de voto, nem passaporte, nem conta bancária e é a parte menor do casamento. Não havia direito das crianças, havia trabalho infantil, grande mortalidade infantil, um milhão fora da escola e trinta mil, apenas trinta mil universitários, só 4% iam ao secundário versus os 75% de hoje. Hoje está tudo democratizado, como sabem. -----

Havia um grande rigor nos costumes. Já referido aqui, e eu conto um caso concreto, que é curiosíssimo. Um casal não se podia beijar na rua. O sociólogo António Barreto, e escritor, conta uma história pessoal em que ele deu, num banco de Jardim, um beijo à namorada e teve de pagar uma multa. -----

E quanto aos pés descalços, maior parte dos meus colegas de escola andavam de pés descalços. Outra vez, e exemplos, o Miguel Sousa Tavares, que andou numa escola no Marão, escreveu e disse, já várias vezes, que era o único calçado na escola. Como é que é possível as crianças andarem sem terem uns chinelos sequer. Uma vez fizeram-me a pergunta “oiça, porque é que então não havia um euro para comprar umas havaianas?” Não, nem havia o euro nem as havaianas. -----

A emigração era a solução para muitos portugueses a emigração por razões de pobreza e de luta pela vida e por razões de fugir à guerra. Paris era a segunda cidade portuguesa com meio milhão de habitantes. Este era o contexto internacional e que nos chegava, mesmo com um regime sob pressão, nós conseguimos perceber que se passava lá fora, que era isto. -----

Quanto à Guerra Colonial, foram treze anos em três frentes, a milhares de quilómetros de distância. Nenhum país do mundo fez um esforço tão grande em termos relativos como Portugal. Foi de tal maneira que a maior parte do orçamento de Defesa ia para a guerra, logo faltava para educação, faltava para habitação, faltava para a saúde. Centenas de milhares de jovens deviam fazer quatro anos de tropa, concursos adiados ou falhados e milhares de desertores. A guerra em Angola começou em 1961, na Guiné em 1963 e em Moçambique em 1964. Em 1961 perdeu-se a Índia. Salazar quando se perdeu a Índia disse “não quero heróis vivos, só quero heróis mortos”, mas depois fomos recuperar esta frase porque estávamos na Guiné e lembrámo-nos que nos podia acontecer a mesma coisa. Em 1965 a PIDE assassinou o General Humberto Delgado, em 1968 Mário Soares foi deportado para São Tomé, em 1969 foi a grande crise académica de Coimbra, com greves, prisões, expulsões de estudantes, foi lembrada agora. E depois houve a vigília da Capela do Rato, que foi outro ato importante em Lisboa, com perseguições pela polícia de choque. Aliás, era corrente haver perseguições da polícia de choque aqui nas ruas. Eu andei aqui no Alto

São João, e por uma vez ou duas fugi à polícia de choque, foi a primeira vez que conheci os tanques de jatos de água. Uma vez, estive aqui com Mário Soares, à porta do Alto de São João, do cemitério. Os portões estavam fechados, juntou-se muita gente, fomos atacados, e eu já era cadete da Academia Militar. Se fosse apanhado, enfim, não teria feito a carreira que fiz, naturalmente, não é, fugimos dali a todos. Ouvem uma palavra de ordem “vamos para a estátua do António José de Almeida”. Descemos à estátua começaram a chegar pessoas, ao fim quando estavam lá, vinte ou trinta, houve alguém que disse “Viva a República”, e a PIDE carregou outra vez. Eu tinha o meu quarto ali ao pé e depois e corri para o quarto. Eu andei metido nisto. -----

Em 1973, houve o Congresso Republicano de Aveiro, onde se pediu o fim da guerra, e cujas teses do Congresso foram inspiradores para o programa do MFA que o Melo Antunes havia de fazer mais tarde. E em 1973 nasceu o Movimento dos Capitães na Guiné. Só depois é que nasceu em Lisboa. E porquê na Guiné? Porque a Guiné, em setembro de 1973, declarou a independência. E essa independência foi reconhecida por oitenta e quatro países. Eram mais do que aqueles com os quais Portugal mantinha relações diplomáticas. Uma semana depois a ONU reconheceu a independência, considerou-nos tropas invasoras e convidou Portugal a sair da Guiné. A guerra da Guiné era a guerra mais dura. O General Spínola quando chegou lá, reuniu os comandos e disse-lhes, “não lhes peço, ganha a guerra, só lhes peço que não a percam”, porque ele queria ganhar tempo para negociar, porque entendeu que já não havia uma solução militar e a solução só podia ser política, e propôs-se negociar e começou negociações intermediadas, pelo Presidente Senghor, do Senegal. Entretanto, o Marcello Caetano chamou-o lá e disse-lhe isso “prefiro um desastre militar na Guiné a negociar seja com quem for”. Pronto. Nós percebemos que não íamos ter a chance de sair dali vivos se, entretanto, não conseguíssemos que acontecesse qualquer coisa de bombástico. E foi aí que começamos a reunir. Começamos com reuniões clandestinas logo no ano de 1973. Em maio de 1973, a guerra era tão dura que houve três sítios que ficaram para a história, como a guerra dos três G's, Guidaje, Guilege e Gadamel Porto, Guidage a norte junto ao Senegal, Guilege a sul e Gamamel Porto também, e a tragédia de Gadamel Porto é de tal ordem que foi a maior debauche da história do exército português. Os ataques sobre o quartel eram de tal ordem que a tropa fugiu toda. Nunca tinha acontecido conosco em sítio nenhum de guerra. E quando se fez reconhecimento através de forças paraquedistas e de meios aéreos, conclui-se que, afinal de contas, este ainda estava lá, um capitão e dois soldados. É Guilege era bombardeada todos os dias, ficava na linha de recebimentos do PAIGC, onde estava o Nino Vieira, que depois foi Presidente da República. E a vida de tal forma insuportável que o comandante veio a Bissau pedir ao General Spínola que deixasse abandonar Guilege, que já não se podia viver mais. Eles viviam nas valas, General

Spínola deu-lhe ordens de voltar e aguentar. Ele chegou lá, mandou levantar o acampamento, saiu, foi preso, esteve um ano preso, foi libertado no 25 de Abril. -----

Em Guidage foi o maior cerco feito a uma unidade portuguesa. Mais de um mês de cerco. Foram empenhadas todas as tropas. O Carlos Matos Gomes, que há pouco falaram dele, que foi um dos Capitães que esteve comigo na Guiné e conspirou comigo, foi um dos homens que esteve em Guidage. As forças portuguesas, que eram todas as disponíveis, paraquedistas, fuzileiros, tropas de milícias e comandos africanos. O Carlos Matos Gomes comandou uma companhia de comandos africanos. Quando já não havia ninguém para defender Guidage, o General pegou numa companhia que estava em Bissau a aguardar embarque para regressar a Portugal. Essa companhia era a do Salgueiro Maia. O Salgueiro Maia, naquele tempo, estava há quase um mês à espera de um navio para trazer a companhia dele já tinha acabado a comissão. E ele tinha-se despedido de mim no quartel em Bissau para me entregar o rádio, e eu era oficial de transmissões, despediu-se, e eu pensei que ele já se tivesse ido embora quando ele volta novamente a bater à porta e diz-me “dá-me cá os rádios outra vez que eu vou para uma missão que se calhar é a última que vou fazer.” Ele não disse qual era a missão, mas eu percebi que era que Guidage. ---

O Matos Gomes, à frente de uma companhia, teve de ir ao Senegal bater no inimigo no lado onde ele estava. Houve muitos mortos, muitos feridos. Houve misérias que num dia caíram três aeronaves. Nós sentimos, neste maio de 1973 que a guerra estava perdida, e estava perdida porque o PAIGC recebeu mísseis soviéticos, que estão agora a ser utilizados, também, na Ucrânia, pelos ucranianos, que são os ‘Strella SA-7’ que é um míssil que busca a fonte quente do aéreo. Ela sabe por um tubo muito facilmente às costas, começaram a usar mísseis, começaram a cair aviões. Nós perdemos a supremacia aérea e quando perdemos a supremacia aérea, deixou de haver apoio de fogos de combate e deixou de haver evacuação de feridos e de mortos. Nós sentimos que a guerra estava perdida. O PAIGC tinha muito melhor equipamento que nós, e começámos a conspirar mais cedo do que aqui. Essa é a razão, a explicação está aqui. -----

Em agosto de 1973 fizemos uma reunião, foi o Otelo que fez uma reunião por causa do famoso Decreto das Ultrapassagens, que é um decreto que sai e que privilegia os oficiais milicianos que combatem, vão para academia e passam à frente dos seus colegas, camaradas de curso, mesmo que tenham piores notas. Esse é o famoso Decreto das Ultrapassagens que esteve na base da reivindicação corporativa que levou a maior parte dos capitães a aderir. Portanto, na realidade, há uma motivação de classe Corporativa, mas rapidamente essa situação foi ultrapassada. Nessa reunião, e estive nessa reunião, no Clube militar de Oficiais, em Bissau, éramos vinte pessoas, e o Otelo falou numa carta que era importante que fizéssemos e que assinássemos e que mandássemos para Portugal, eu ofereci a minha Unidade para fazermos uma reunião e disse “eu concordo convosco e na minha área eu não era atingido por aquele Decreto, mas estou de acordo

convosco. Ofereço a minha unidade porque é importante que a gente discuta questões como esta esta, mas há outras muito mais importantes”. Aceitaram e na outra semana houve uma reunião na minha Unidade e o Otelu levou uma carta para mandar para aqui para o Presidente da República, para o Primeiro-Ministro, que se chamava Presidente do Conselho de Ministros, para o Ministro do Exército e o Ministro da Defesa e essa carta começou a ser discutida numa reunião com cerca de quarenta Oficiais. Era muito forte, muito dura, feita pelo Otelu, mas as intervenções foram de tal maneira que peguei no microfone e disse “oh meus amigos, isto já é uma carta de amor, já não é uma carta revolucionária.” Combinou-se mais uma reunião na semana seguinte, em agosto de 1973, ainda não havia nada em Portugal, ainda não haviam reuniões. Na semana seguinte, apareceu a carta feita e nessa sessão eu disse isto – vou tentar reproduzir – “nós estamos todos de acordo num ponto, não queremos a guerra. Queremos acabar com a guerra, mas para acabar com a guerra, temos que a montante acabar com o regime em Portugal.” O que eu não fui dizer. O Otelu virou-se para mim e disse-me “jovem, espantaste a caça.” Eu disse, “Não, Otelu, separei o trigo do joio, vamos ver na próxima sessão como é que vai ser.” Eu tinha razão, meia dúzia, uma dúzia de corte de camaradas que nunca mais puseram os pés “Eu não vim aqui para isto”, “Eu não vim aqui para me falarem em revoluções.” Nunca mais lá apareceram. Na reunião seguinte apareceu toda a gente e veio gente do mato. Foi a altura em que veio, também, o Salgueiro Maia. E nessa reunião assinámos a chamada “Carta de Bissau”, em 28 de agosto de 1973, não havia nada aqui ainda. Essa carta foi mandada para toda a gente aqui em Portugal, e foi mandada para os nossos camaradas do Continente, Angola e Moçambique. -----

O Marcello Caetano quis agir sobre os subscritores da carta, quis mandar prender, e afinal de contas bastava mandar prender quarenta e cinco a cinquenta oficiais, que era fácil, só que começaram a chover cartas no gabinete do Marcello Caetano, vindas dos nossos camaradas de Angola, de Moçambique e de Portugal, e diz o Marcello, já no exílio do Brasil, quando lhe perguntaram porque é que não prendeu aqueles capitães, porque já eram centenas de capitães, eram centenas de cartas, não podia prender toda a gente. -----

Foi aqui que começou a 25 de Abril, nesta revolução de reuniões clandestinas, de combinar com que forças íamos fazer o ataque e acabamos por fazer isso. Há uma altura em que o Otelu vem para Portugal, o Salgueiro Maia vem para Portugal, e nós dissemos lhes para integrarem rapidamente o Movimento, tomarem as rédeas do Movimento e andarem depressa. O 25 de Abril dá-se em abril de 1974, mas podia ter sido mais tarde porque a Guiné podia ter sido arrasada. -

Quando o General Spínola é proibido de negociar, vai embora, vai outro general, o que é que diz o Marcello Caetano ao General Bettencourt Rodrigues na sua carta de comando? “Resistir até à exaustão dos meios.” Nós lembrámo-nos da Índia. Na Índia não aconteceu isso porque se

renderam, mas a ordem do Salazar era essa, “não quero heróis vivos, só quero heróis mortos.” Nós não queríamos na Guiné uma nova Índia. E pronto, começámos a preparar tudo para a conseguir dar a volta a isto. -----

Entretanto, chega à Guiné o Tenente-Coronel Banazol. Eu fui o primeiro oficial das forças armadas portuguesas a falar em revolução, o segundo foi o Tenente-Coronel Banazol, aqui, numa das primeiras reuniões que houve aqui já com o Movimento de Capitães, o terceiro foi o General Pezarat Correia, em Angola, e em quarto o Aniceto Afonso, em Moçambique. Entretanto eles vêm para cá e tentam meter na mente dos camaradas de que tem de se andar mais depressa do que aquela lentidão de reuniões sobre reuniões, e nunca mais se decidia nada. Às tantas dá-se o 16 de março, o Golpe das Caldas, que era toda aquela gente que veio da Guiné, spinolistas, que estavam nervosos, e que queriam atuar. Não há uma explicação perfeita e cabal para isto, e o meu entender é este, e eu não fui spinolista, embora diga no meu livro que a ação do General Spínola contribuiu para o MFA na Guiné e, por consequência, para o MFA aqui, mas os spinolistas quiseram-se antecipar ao 25 de Abril, deram um golpe de 16 de março, uma preparação muito mal feita, e o Otelo esteve metido nisso. O Otelo chegou a pedir-nos para atuar em Bissau, depois disso, e nós não atuámos porque isso era tudo uma embrulhada que ninguém se entendia. Isso tinha que ser feito com muito mais organização e planeamento. -----

Em janeiro de 1974, esse Tenente-Coronel Banazol chega à frente de um batalhão que se tinha recusado a embarcar aqui em Lisboa. Mandou uma mensagem para me encontrar com ele a 50km de Bissau. Levei comigo o Matos Gomes e o José Manuel Barroso. E ele disse-nos “no dia tantos tal o meu batalhão passa em Bissau, vai a caminho de Bambadinca onde vai parquear e quando estivermos naquela noite em Bissau, na madrugada da partida, tomamos o comando-chefe e tomamos o poder. Os meus camaradas ficaram para terem ficaram contentíssimos, realmente era uma oportunidade única, e eu fiquei comovidíssimo porque eu conheço todas as revoluções que houveram desde 1961 até hoje. Conheço todos os militares que estiveram envolvidos em revoluções desde esse tempo todo. Alguns conheci-os pessoalmente, na verdade, como o Pereira Gomes do qual fui amigo, e sei o que é que toda essa gente passou, perderam todos. Foram todos presos e alguns mortos, e sabia o que nos podia acontecer se não fizéssemos uma coisa como deve ser. E pedi uma semana para pensar. Ao fim de uma semana regressiei e disse “Meu Tenente-Coronel, não aceito, porque se nós ficássemos aqui cortavam-nos a logística, os abastecimentos, as munições” e ele diz-me assim: “Mas o PAIGC ajudava-nos” – éramos considerados traidores e se nós fôssemos a aceitar o apoio do inimigo éramos traidores e, portanto, não fui nessa. Continuamos a jogar no 25 de Abril. Há uma altura em que há um entendimento entre o Movimento de Capitães na Guiné e o Movimento aqui que é nós estaríamos preparados para agir à ordem da Comissão Coordenadora e, entretanto, General Spínola mete-se pelo meio e dá uma

ordem no sentido de haver o 25 de Abril, aqui e lá em Bissau também, mas nós não fomos nisso. Nós estávamos à espera que a coordenadora nos desse a indicação para atuarmos em Bissau. Não deu. Eles tinham mais que fazer aqui. Só que em Bissau, o senhor General Bettencourt Rodrigues pôs os agentes da PIDE a perseguir os Capitães de Abril nas ruas de Bissau e não reconheceu 25 de Abril ao contrário do Comodoro, o Comandante Naval. -----

Bom, foi numa noite que montamos um esquema, com paraquedistas, na manhã seguinte, cercámos o Forte da Amura, entramos no gabinete, depusemos o General, mandá-lo para Portugal, foi o meu comandante que foi ficou como encarregado do Governo, nomeámos o Comodoro Comandante-chefe e passado 8 dias o General Spínola pôs lá o Tenente-coronel graduado em Brigadeiro Fabião, que foi depois encarregado do Governo, que aceitou o MFA local, que inclusivamente a Comissão Central da NF a foi constituída como o governo dele. Ele não quis formar um governo foi a Comissão Central do MFA foi constituída como governo dele, ele não quis formar um governo. -----

Portanto, o MFA da Guiné foi o berço do MFA em Portugal. O MFA da Guiné governou, juntamente com o Comandante e conseguiu, através de uma regra imposta às tropas das unidades, para evitar que se tornassem indisciplinadas, que todos queriam vir para Portugal mais depressa possível, promover uma descolonização com alguma exemplaridade. -----

Houve problemas, houve dois ultimatos depois do 25 de Abril. Há uma unidade junto da fronteira com o Senegal que recebe uma ordem que em 48 horas tinha que abandonar a guarnição. Eu fui nomeado para ir falar com Comandante do PAIGC e eu e mais um Major madeirense, fomos de helicóptero, chegamos lá e já não estava em Pirada, já estava no Senegal, a arranjámos, através de um agente duplo do PAIGC e da PIDE, que havia disto também, contacto com o comandante guerrilheiro, e no dia seguinte fomos lá no jipe, apenas os dois e o condutor, andámos 40km dentro Senegal, e fardados, e se fosse apanhado isto tinha sido um escândalo político e sei lá o quê. Esperámos uma meia hora por eles, pelo Baio Camará, que era um dos tipos mais ferozes do PAIGC, que depois de acabada a guerra da Guiné, foi para Angola combater com o MPLA, e ao fim de meia hora não entendíamos como o Baio Camará. -----

Ora bem, esta reunião que tivemos no Senegal, oficiais portugueses com guerrilheiros, era a terceira em que o exército português estava envolvido com o lado de lá. Da primeira morreram todos, da segunda morreram três, e esta era a terceira, e quando o Fabião, em Bissau, sabe que era com o Baio Camará, mete-se no helicóptero e vai ter connosco, e foi ele que evitou que houvesse um problema que, enfim, podia ser bastante grave. Nós conseguimos descolonizar a Guiné, não foi melhor porque eles estavam cheios de pressa, não se entendiam, não tinham unidade. -----



E pronto, eu nesse tipo nem segui o papel que tenho aqui, não vos vou dizer o que se passou aqui, se quiserem posso responder a perguntas depois do que se passou aqui no Terreiro do Paço, o papel do Salgueiro Maia, que era, enfim, o Grande Herói, o que foi a madrugada do 25 de Abril. E falhasse o golpe em Portugal havia o plano B do MFA que era o golpe na Guiné, nós tomaríamos o poder na Guiné, estávamos preparados para o fazer. -----

Bom, e depois há os 3 D's. Apresentámos ao País do programa dos 3 D's – descolonizar, democratizar, desenvolver, não vos vou dar pormenores disto, darei depois se me quiserem perguntar. -----

Eu fiz o ano passado os discursos do 25 de Abril na Avenida da Liberdade, nos Restauradores, no dia 25 de Abril e nesse discurso e falei nos 3 D's e introduziu um quarto D, que é o D da descarbonização, é o D do respeito pelas alterações climáticas. É altura de falarmos nisto também. Não vou falar hoje nisso, não é preciso, disso sabem os senhores mais que eu, se calhar, ficou um lado romântico da Revolução dos Cravos. Os Capitães de Abril, homens sem sono, um País em festa, a festa do 1º de Maio, as flores, as canções, os poemas, as pinturas murais e o povo, sempre o povo que ia fazendo a revolução nas ruas. Ficaram dia e 1700 nomes de ruas, avenidas, praças sobre 25 de Abril. Grande parte do Capitão Salgueiro Maia, o maior herói do 25 de Abril. O 25 de Abril gerou uma vaga democrática, síntese da liberdade e da paz do Maio de 68, do “faz o amor e não a guerra” do Woodstock de 1969. Ficou um grito famoso, “o povo unido jamais será vencido”. Hoje, Portugal, com todos os problemas que tem, e são muitos, está muito melhor do que há quarenta e oito anos e é um dos países mais seguros e mais livres do mundo. Muito obrigado. -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada, Senhor Coronel Jorge Sales Golias, que nos trouxe aqui até alguns episódios que eu penso que a maior parte de nós não tinha conhecimento e o enquadramento de toda essa preparação para esse dia glorioso. Penso que é bom sabermos porque há ideias preconcebidas sobre o 25 de Abril e, historicamente, às vezes muito pouco se sabe. -----*

Continuando o nosso programa, temos agora uma parte da intervenção política de Partidos que estão representados nesta Assembleia de Freguesia da Penha de França, bem como da Junta de Freguesia. -----

E assim, daria a palavra para intervenção ao representante do Partido Chega, o Senhor Deputado Luís Matias.” -----

Deputado Luís Matias, do Chega: *“Muito boa noite a todos os presentes, à Senhora Presidente da Assembleia de Freguesia, aos Membros da Mesa, à Senhora Presidente de Junta, aos Membros do Executivo, aos Deputados, ao nosso convidado Coronel Jorge Golias, muito obrigado pela sua vinda. -----*



Minhas senhoras e meus senhores, foi há quarenta e oito anos que, naquela madrugada extraordinária, Portugal saiu da sombra de anos de opressão. Nesta Sessão Solene não poderia igualmente deixar de recordar guerras coloniais, que se iniciaram em 1961, portanto há sessenta e um anos, e que a Revolução de Abril veio pôr um fim. Fazê-lo hoje é um imperativo político, social, moral e de consciência, recordando que, no longo período de treze anos de guerras, se perderam milhares de vidas de portugueses e de africanos a par de um rasto de destruição sem paralelo mesmo das sociedades ainda hoje bem visível, tal e qual acontece hoje na Ucrânia. ----

“O que faço aqui” é o que diz a canção e vou aproveitar este momento para saudar uma organização que conheço bem que é Liga dos Combatentes e na pessoa do Tenente-General Chito Rodrigues, saudar todos os combatentes, vivos e também que já partiram, e saudar os Capitães de Abril, mas também a Associação de Comandos e os Comandos portugueses. -----

Há, no entanto, uma outra faceta destes longos anos, a do tempo perdido e da oportunidade desperdiçada, anos que poderiam ter sido de ganhos em termos políticos, sociais e económicos tivessem eles sido de abertura Democrática do regime e de negociação política. Anos que poderiam ter mudado o rumo da nossa história e da história dos países irmãos, se a sua independência tivesse chegado mais cedo e com ela o direito à sua autodeterminação, direito à liberdade e direito a paz. -----

Compete-nos a todos nós um papel da maior relevância no longo caminho que há ainda a percorrer em torno dos valores democráticos. O Partido Chega é hoje a terceira Força Política de Portugal, e acreditamos que será na Penha de França também. O Chega irá governar, e não nos demitimos desse papel. -----

Viva o 25 de Abril mas Viva o 25 de Novembro também, porque em 25 de novembro cumpriu-se Abril. Contam com o Partido Chega, contam connosco, para este novo caminho de esperança no combate à corrupção e a tudo o que está errado na política e na nossa sociedade, por Portugal e pelos portugueses. Muito obrigado” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada, Senhor Deputado Luís Matias. Representando o Partido Livre, o Senhor Deputado João Monteiro.” -----*

Deputado João Monteiro, do Livre: *“Exma. Senhora Presidente da Mesa da Assembleia, Exmos. Senhores da Mesa da Assembleia, Exma. Senhora Presidente da Junta de Freguesia, Exmos. Senhores do Executivo da Junta de Freguesia, Exmos. Senhores Membros da Assembleia de Freguesia, Exmos. Senhores Trabalhadores da Junta de Freguesia, Exmos. Técnicos de Apoio a este evento, Exmos. Senhores Convidados, Exmos. Moradoras e Moradores da Freguesia da Penha de França, -----*

Estamos hoje aqui reunidos para celebrar uma das datas mais importantes da história contemporânea do nosso País: o 25 de Abril de 1974. E este ano a celebração faz-se com uma



alegria redobrada, pois, pela primeira vez desde 1926, vivemos mais dias em democracia do que em ditadura. -----

O 25 de Abril deu origem à libertação que tantos desejavam. A libertação da ditadura; da censura; da tríade Deus, Pátria, Família; de uma guerra colonial indesejada e que tantas vidas inocentes ceifou de ambos os lados do conflito; de uma opressão e de desinvestimento social; do respeitinho pela autoridade; da PIDE; das perseguições e das prisões políticas; da tortura; da miséria; do atraso económico e social. -----

O 25 de Abril deu origem à libertação feminina. A mulher deixou de ser submissa ao marido. Pôde divorciar-se quando a relação já não lhe interessava ou lhe era prejudicial. Pôde recuperar e usar a sua voz e expressar as suas vontades no espaço público. O lugar da mulher deixou de ser o lar e passou a ser todo aquele em que ela quer estar e a fazer o que quer fazer, podendo assim conquistar os seus sonhos, escolher a sua carreira e alcançar a sua autonomia financeira.-

Com o 25 de Abril, o povo pôde expressar livremente a sua opinião; pôde dar asas à sua criatividade e expressão artística e cultural; e pôde experimentar novas formas coletivas de organização. O resultado desse fervilhar de ideias, iniciativas, eventos, debates, foi a concretização de uma esperança: a de que cada um possui de facto o poder criativo nas suas mãos, o poder que cada um tem para construir e moldar a realidade à sua volta. -----

Podem perguntar-me agora onde estava eu no 25 de Abril. A resposta é simples: não estava. Não estava porque ainda eu não era. Nasci e cresci já em Democracia, o que muito prezo por ter liberdade de escolher o meu caminho, por ter acesso a uma rede escolar pública, a um serviço nacional de saúde, ou à universidade. E isso devo aos meus antecessores que muito sofreram, e de muito abdicaram, para que todos nós possamos hoje viver em Democracia no nosso país. ---

Tenho um sentimento de gratidão histórica aos participantes de movimentos políticos de oposição ao Estado Novo, aos que viveram na clandestinidade, ao Partido Comunista Português e ao Partido Socialista, aos Capitães de Abril e aos inúmeros anónimos que lutaram e conquistaram a Democracia. Mais tarde, já num novo regime, aos movimentos de esquerda que se uniram no que veio a ser o Bloco de Esquerda e que têm lutado por importantes causas sociais. À direita, o PSD e o CDS, embora com políticas nas quais não me revejo, tiveram a sabedoria e a sensibilidade de preservar a Democracia – que assim continuem. Na última década, surgiram novos partidos, entre os quais o LIVRE, sinal de maturidade democrática no nosso país. -----

Mas nem tudo é maravilhoso e nem todos os sonhos foram ainda concretizados. Em certas situações, as mulheres são ainda alvo de discriminação, assédio ou machismo; os trabalhadores ainda lutam pelos seus direitos; o sindicalismo e o associativismo encontram-se estagnados; a igualdade entre cidadãos é muitas vezes esquecida; o racismo é ainda uma triste realidade; e só recentemente as pessoas LGBTQI+ têm visto os seus direitos respeitados. -----



A Democracia é essencial, mas também é frágil. Não deixa de ser irónico que, neste mesmo ano em que celebramos mais dias de vida em Democracia do que em ditadura, seja o ano em que a extrema-direita cresceu na Assembleia da República. Lembremo-nos que a Democracia não pertence somente à esquerda, mas a todos aqueles que prezam e valorizam a Liberdade. Por isso é necessário criar uma cerca sanitária, por parte de todos os partidos democráticos, ao avançar da extrema-direita que se tem vindo a infiltrar nas forças de segurança, no exército e agora na Assembleia da República – e até na nossa Assembleia de Freguesia. Agora, mais do que nunca, não podemos baixar os braços, há que continuar a lutar para preservar a Democracia. Lembrando um conhecido slogan: “a luta continua!” -----

Precisamos de todos. O LIVRE cá está e cá estará para que, unido ao PS, à CDU, ao BE e a todos os democratas, possam juntos preservar a nossa Democracia. -----

Viva a República! Viva a Liberdade!” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada, Senhor Deputado João Monteiro. Representando o Bloco de Esquerda, a Senhora Deputada Joana Grilo.” -----*

Deputada Joana Grilo, do BE: *“Boa noite a todas e a todos aqui presentes. -----*

O ano de 2022 marca o arranque das celebrações do 50º aniversário da Revolução de Abril, que se assinalarão ao longo de 5 anos (2022 a 2026). É tempo de lembrar a história da resistência à ditadura e ao colonialismo, convocar a memória e a atualidade dos dias da Revolução, de transformação e de esperança que deram origem à democracia portuguesa, contra a opressão. -

Foi através da ação desencadeada pelos Capitães de Abril, apoiada pelo Povo, que se terminou com a ditadura fascista do Estado Novo, que se pôs fim à PIDE, que se acabou com a censura, que se libertaram os presos políticos e se terminou a guerra colonial. A Revolução restituiu aos portugueses os direitos e liberdades fundamentais. -----

Devemos celebrar as conquistas da Liberdade e dos direitos fundamentais que foram adquiridos, nomeadamente na saúde, que veio proporcionar a criação do Serviço Nacional de Saúde, na educação, que deu lugar à criação da Escola Pública, no direito à habitação e nos direitos das e dos trabalhadores, dando lugar a uma maior dignidade para quem trabalha. -----

O 25 de abril não é apenas importante como data simbólica, mas também como um processo de transformação social que modelou o nosso presente. A vitória da liberdade e da democracia contra o fascismo e a opressão permitiram a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. -----

Quando o neoliberalismo e a extrema-direita lançam a sua sombra de regressão política, social e civilizacional, num ataque frontal às conquistas de Abril, manter viva esta celebração é continuar a defender a Constituição da República de abril. E fazemo-lo em solidariedade e

intercâmbio com os povos da Europa e do mundo que hoje enfrentam a mesma ameaça de retorno à barbárie e a combatem. -----

Continuaremos a defender a Constituição da República, como um dos maiores legados do 25 de Abril, onde estão consagradas muitas destas conquistas. Numa altura em que são colocados em causa os direitos adquiridos, devemos relembrar os princípios constitucionais pelos quais lutámos e que alguns estão tão determinados em nos roubar: Que todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. Que ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual. -----

Das conquistas de abril fazem parte liberdades que hoje damos como adquiridas, mas que não são irreversíveis. Cabe-nos a nós, defender estas conquistas sociais assim como todo o caminho feito a partir desta data, nos direitos das mulheres, das pessoas da comunidade LGBTQIA+, das pessoas racializadas e das pessoas migrantes. -----

Lembramos ainda que o 25 de Abril marca o fim da guerra e do caminho para a paz no nosso país, no tempo em que hoje vivemos, em que a europa se encontra em guerra, reiteramos os princípios de Abril, contra todas as guerras, pela soberania dos povos e no caminho da paz. ---

Obrigada.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada, Senhora Deputada Joana Grilo. Representando o PSD, o Senhor Deputado Renato Caldinhas.” -----*

Deputado Renato Caldinhas, do PSD: *“Muito boa noite a todos. Agradecer, desde já, a partilha de Coronel Jorge Golias, agradeço imenso, é sempre um prazer, agradecer a iniciativa da Junta de Freguesia da Penha de França por este evento. -----*

Ao comemorar o 48º aniversário do 25 Abril, importa, desde logo, apelar para a necessidade de ter presente que a liberdade e democracia são bens demasiado preciosos que, por quase cinquenta anos consecutivos, não estiveram disponíveis no nosso País e ainda hoje escasseiam para a maioria da humanidade. -----

Parte significativa da população – os que têm menos quarenta e oito anos – habituaram-se como cidadãos adultos a viver sempre em democracia, acabando, muitas vezes, por não dar o devido valor à rotina de prática democrática, nomeadamente no que diz respeito aos atos eleitorais e à participação cívica que lhe está inerente. Não podemos descansar ou achar que tudo está garantido, pois há 48 anos atrás nem tudo foi fácil. Desde logo, comemorar o 25 de Abril impõe-se homenagear os militares revoltosos que derrubaram regime caduco e autoritário.

Após o 25 de Abril viveram-se tempos de natural euforia e de preocupantes exageros, com turbulência da própria revolução que apesar de feita com as armas teve um grande mérito de



praticamente não as utilizar, por isso celebramos com satisfação e entusiasmo os quarenta e oito anos do primeiro e decisivo passo de Portugal rumo à democracia. -----

Passos difíceis e hesitantes, mas valeram a pena sobretudo quando, em 25 novembro 1975, uma parte significativa destes militares que continuavam fiéis ao verdadeiro espírito de Abril e as forças políticas democráticas, nomeadamente o PSD, o PS e CDS, consolidaram definitivamente o caminho da democracia e a liberdade para o nosso País, evitando que Portugal volta a ser uma ditadura de sentido contrário. -----

Agora à distância de quarenta e oito anos, será imperioso que a história de Portugal traduzir com rigor e profundidade este período transitório da nossa democracia, que vai 25 de abril 1974 a 25 de novembro de 1975, e os riscos que o país sofreu mais que não seja para que nunca se repita e jamais se volte a perseguir os Partidos Políticos. -----

Neste momento não poderia deixar de referir Francisco Sá Carneiro, o homem determinado que já antes de 25 de Abril colocava a ação política na defesa dos direitos humanos. Se pensarmos na preparação de 25 de Abril a rutura de Sá Carneiro na Assembleia Nacional foi um dos fatores essenciais. Sá Carneiro era tudo menos uma figura consensual em Portugal, e ao mesmo tempo que reunia admiradores, arranjava inimigos. O simples fato de ter sido um dos protagonistas da fundação PPD foi particularmente importante para o momento revolucionário que realça a criação do partido que marcou geneticamente a democracia, abrindo as portas à pluralidade política. -----

Ao refletirmos sobre o 25 de Abril é imperioso também ter presente a necessidade do nosso país se reformar cada vez mais no plano internacional como nação livre e democrática, no sentido de ajudar a proporcionar que todos os povos tenham o direito de atingir aquilo que já conseguimos há quarenta e oito anos. A Democracia é um valor de todos e para todos, sem restrições geográficas ou étnicas. -----

Há muito ainda a aperfeiçoar e impõe-se vencer e ultrapassar alguns mitos que perduram que se encontram totalmente desajustados da realidade. Importa combater a teoria da mediocridade que impede distinção pelo mérito e acaba por nivelar tudo por baixo. Importa dotar os poderes públicos dos instrumentos e das políticas necessárias para ultrapassar os principais desafios da sociedade de hoje, entre os quais se contam os problemas sociais nomeadamente no que respeita aos mais frágeis, os mais velhos, aos reformados e aos pensionistas. -----

Com a mesma determinação que podemos enaltecer as enormes vitórias e êxitos alcançados com autonomia, é também saudável e indispensável repensar, sem complexos, os erros entretanto cometidos e alguma incapacidade para aproveitar da melhor forma os abundantes meios postos à nossa disposição. -----



Para terminar, apesar da liberdade e a da democracia estarem a origem da nossa autonomia, a verdade é que não haverá verdadeira autonomia política se não tivermos uma base económica sólida geradora de uma adequada autonomia financeira. A melhor defesa da autonomia e a melhor forma de consolidar é através de uma governação eficaz, próxima das populações, que proporcione uma correta aplicação dos meios disponíveis em função das reais necessidades das comunidades, em obediência a uma adequada política de prioridades e com um verdadeiro sentido de justiça, sem discriminações, sem retaliações, sem pressões ilegítimas sobre pessoas ou instituições. -----

Obrigado e uma boa noite.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Muito obrigada, Senhor Deputado Renato Caldinhas. Tem agora a palavra o Senhor Deputado Sérgio Senciuc, representando o CDS/PP”-

Deputado Sérgio Senciuc, do CDS: “Excelentíssimo Senhor Coronel Jorge Sales Golias, excelentíssima Senhora Presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia e respetivos membros, estimada Senhora Presidente da Junta de Freguesia e respetivos membros do Executivo, prezados colegas membros da Assembleia de Freguesia das diversas Forças Políticas aqui representadas, caro as Freguesas e caros fregueses. -----

Apresento-me como sendo um jovem de vinte anos e de nacionalidade romena, um jovem imigrante que, graças também ao 25 de Abril de 1974, pode estar aqui presente hoje. O meu país de origem, a Roménia, infelizmente, também passou por uma ditadura, um regime que, infelizmente, destruiu vidas e impediu que vários sonhos se realizassem. O mesmo acontecia em Portugal, embora de inspiração fascista, antes do grandioso dia de 25 de Abril de 1974, porque, independentemente da sua orientação doutrinária, as ditaduras são o espelho dos extremos e estes tocam-se. Bem hajam liberdade. -----

Nós, no CDS/PP, respeitamos os corajosos que iniciavam o processo de instalação da liberdade e democracia em Portugal, mas também saudamos os heróis que impediram que o País passasse de um regime ditatorial para o outro, fazendo obviamente, referência ao grande dia de 25 de novembro de 1975. Os anos passaram, mas a história não mudou. A minha geração, felizmente, não vivenciou os dramas que uma ditadura pode oferecer, mas jovens da minha idade vivem diariamente os massacres que o regime imperialista de cariz soviético comete na Ucrânia, país que fica a menos de 30 km da minha freguesia natal. -----

Os que tanto defendem a liberdade, apregoam a tolerância e o respeito e acham-se no direito de serem donos de Abril, revelam agora o seu grande poder de oratória que mais do não é, sob a égide da liberdade, sustentarem valores absolutamente contrários. -----

Por isso quero concluir com a seguinte remarca, apreciemos a liberdade e lutemos para conservar sem ilusões utópicas agora, antes que seja demasiado tarde. -----



*Bem hajaz liberdade. Viva o 25 de Abril. -----
Muito obrigado.” -----*

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada, Senhor Deputado Sérgio Senciuc. Em nome da CDU irá usar da palavra o Senhor Deputado Gonçalo Gomes.” -----*

Deputado Gonçalo Gomes, da CDU: *“Exma. Senhora Presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia, Exmo. Senhor Coronel, Exma. Senhora Presidente da Junta de Freguesia e restante Executivo, Exmos. Senhores membros da Assembleia de Freguesia, Exmas. Senhoras, Exmos. Senhores, -----*

Cumprem-se 48 anos daquele que foi o processo mais avançado da nossa Hist3ria contempor3nea, de um processo constru3do e concretizado pelo povo, que abriu caminho a conquistas que at3 ent3o n3o se imaginavam poss3veis. O 25 de Abril libertou-nos de quase cinco d3cadas de uma ditadura fascista que perseguiu, torturou e assassinou quem procurava levantar-se de uma vida de fome, analfabetismo, doença e mis3ria. P3s fim a uma guerra injusta que oprimia e tirava a vida a povos que procuravam, tamb3m eles, a sua liberdade. Se estamos hoje aqui reunidos, 3 porque o 25 de Abril o permitiu. -----

Quase 50 anos depois, muitos dos que sofreram j3 n3o est3o connosco fisicamente. Cabe-nos a n3s, sobretudo a quem, como eu, n3o sofreu as atrocidades da ditadura, lembrarmos que este foi um caminho longo e dif3cil; de afirmarmos a necessidade e a urg3ncia de celebrar Abril hoje, amanh3 e todos os dias que nos restam, para que aqueles que sofreram permaneçam para al3m da sua aus3ncia f3sica e para que n3o regressemos a tempos sombrios; de afirmarmos que a mem3ria n3o pode ser um exerc3cio v3o mas sim um instrumento para a constru3o de um futuro melhor. Que n3o tenhamos medo nem vergonha de o dizer: foram 48 anos de uma ditadura fascista que matou, torturou e marcou para todo o sempre pais, m3es, av3s e av3s, amigos e camaradas. As suas hist3rias n3o podem ser esquecidas ou apagadas e muito menos reescritas.-

3 com tudo isto em mente que devemos construir o nosso futuro. Em 2022 continuamos a ter escravatura no Alentejo; continuamos a ter quem empobrea a trabalhar; continuamos a ter quem durma na rua ou quem n3o consiga pagar uma renda enquanto poucos s3o donos de dezenas de casas; continuamos a ter crianças que t3m acesso a uma 3nica refei3o por dia; continuamos a ser racistas e intolerantes para com os que n3o t3m os mesmos costumes e escolhas que n3s; continuamos a ter mulheres que t3m sal3rios inferiores aos dos homens s3 porque s3o mulheres; continuamos a participar e financiar guerras injustas. O analfabetismo foi trocado pelo adormecimento coletivo, o latif3ndio pelo call center, a praça de jorna pelo recibo verde, a f3brica pelo hipermercado. -----

Jos3 Saramago dizia-nos que “(...) tudo se discute neste Mundo menos a democracia”. Que “(...) A democracia est3 a3, como se fosse uma esp3cie de santa de altar, de quem j3 n3o se

esperam milagres, mas que está aí como uma referência, mas não se repara que a democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada. O poder de cada um de nós, limita-se, na esfera política, a tirar um governo de que não se gosta e a pôr outro que talvez se venha a gostar, nada mais. Mas as grandes decisões são tomadas numa outra esfera e todos sabemos qual é: as grandes organizações financeiras internacionais, os FMI's, os Bancos Mundiais, a OCDE, tudo isso, nenhum desses organismos é democrático, portanto, como é que podemos continuar a falar de democracia se aqueles que governam o Mundo não são democraticamente eleitos pelo povo?" -----

O 25 de Abril resultou de uma grande força coletiva e se hoje, aqui, cantamos a “Grândola, Vila Morena”, também hoje continua a ser o povo quem mais ordena, por muito adormecido que esteja ou por muito que o tentem calar. O povo quer mais, sempre quis, e disso não tem que sentir qualquer vergonha. Hoje é dia de memória e celebração, mas é também um dia de luta, porque há muitos direitos por conquistar e por cumprir. -----

Da nossa parte não esperem menos que isto porque é isto que nos motiva, que nos dá força e confiança no futuro. Por muitos ventos contrários que soprem, aqui estamos e aqui estaremos, ao lado dos trabalhadores e do povo, a lutar todos os dias para que os seus direitos e aspirações sejam cumpridos. Se “(...)a manhã que todos esperávamos” aconteceu há 48 anos, muitas estão ainda por vir. -----

Viva o 25 de Abril!” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada, Senhor deputado Gonçalo Gomes. Em nome do PS, o Senhor Deputado José Ferreira.” -----*

Deputado José Ferreira, do PS: *“Boa noite a todos. Sintam-se todos saudados pelo PS, quer os presentes quer aqueles que nos acompanham. -----*

E cá venho eu com três minutos, três datas e três palavras. -----

As três datas são os quarenta e oito anos do 25 de Abril, os quarenta e nove do Partido Socialista e os cinquenta das mulheres que fizeram Abril, as Três Marias, as novas cartas portuguesas, e sobretudo a obra de Maria Teresa Horta, com o título emblemático “Minha Senhora de mim”. -----

Três palavras. -----

Democracia, do 25 de Abril do agora, do hoje e do aqui. A Democracia não se conquistou, conquista-se, não se adquiriu, transmite-se. A Democracia é constante criação, renovação, reconstrução, e se necessário, hoje, aqui, terá que ser sempre revolução. Revolver Abril, revoltar-se para que Abril sempre seja “Abril sempre”. -----



Segunda palavra, Memória. É necessário salvaguardar, salvar e guardar a memória, ouvir a memória, preservar a memória, fazer memorial, tornar Abril vivo hoje. Abril é também apresentar o passado, antes de Abril, para que se perceba porque foi necessário Abril há quarenta e oito anos. É necessário, todos os dias, estar alerta para que esse passado não se esconda em pseudodemocracias de outros abris nem de outras democracias de outros novembros. Que o passado não regresse em qualquer outro tipo de ditadura, seja de Direita seja de Esquerda. -----

Aos quarenta e oito anos de Abril, temos que cuidar os cuidadores. Esta palavra aparece normalmente associada à saúde, mas a democracia precisa de ser saudável, precisamos de cuidar os cuidadores da democracia. Agora, aqui, também aqui na Penha de França. Quem são os soldados de hoje de Abril? Quem deve regressar hoje do exílio para voltar a lutar pela democracia? Cuidar dos nossos Partidos, todos, todos os Partidos devem representar a vontade soberana do povo que é “quem mais ordena”, cuidar dos nossos portugueses, dos nossos cidadãos, dos nossos fregueses, cuidar das instituições democráticas, e esta é uma delas, a assembleia de Freguesia, a Junta de Freguesia é outra delas. Cuidar também de quem governa, de quem executa a democracia, por vezes muito preocupados com a oposição esquecemos de cuidar quem tem a responsabilidade de governar. -----

Pergunto a quem é que nós daríamos a Ordem da Liberdade aqui na Penha de França hoje. Passará pela nossa mente pessoas distintas, mas temos que dar também, louvar, dar a Ordem de Liberdade aos que estão ao nosso lado e que lutam pela democracia, hoje. Para eles uma salva de palmas. Obrigado.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Muito obrigada, Senhor deputado José Ferreira. Pela Junta de Freguesia, o Senhor Vogal Manuel Ferreira.” -----

Vogal da Junta Manuel Ferreira: “Senhora Presidente da Assembleia de Freguesia, Senhora Presidente da Junta de Freguesia, Membros da Assembleia, Membros do Executivo, convidado Coronel Jorge Golias, ilustres convidados, senhoras e senhores. -

Vamos comemorar os quarenta e oito anos da madrugada libertadora do 25 de Abril, que como diria Ary dos Santos “foi então que Abril abriu as portas da claridade”. -----

Os militares, nessa madrugada libertadora, libertaram o País da noite escura, devolveram ao povo a liberdade e a democracia, foram libertados os presos políticos, acabando com a famigerada da PIDE-DGS, a polícia política do regime. -----



A adesão popular acabou por ser um elemento importante no apoio aos militares do MFA. Um país que vivia atrasado e alheado tudo o que se passava na Europa e no mundo. Um povo que estava amordaçado e que vivia na ignorância a que era submetido pelos vários órgãos do poder. A PIDE prendia para torturar, a censura até que estava artigos imagens publicitárias. Como dizia Antero de Quental “não se pode viver sem ideias”, ora quem manifestasse as suas ideias de liberdade era engaiolado, quem dissesse mal do ditador atentava contra a Nação. Eram estas as normas então vigentes. Eu próprio também fui alvo do lápis azul censura. -----

Sendo um cancro da juventude a guerra do Ultramar, os Capitães de Abril, dos quais temos connosco um digno representante, promoveram a descolonização preparando a independência dos territórios ultramarinos. O MFA apresentou o programa assente nos princípios da liberdade, da democracia, da justiça social, organizaram por todo o país sessões de esclarecimento com vista ao desenvolvimento das populações e em ajuda nos serviços básicos com vista à modernização do País. Como prometido no programa, os militares devolveram o poder aos cidadãos logo foram criadas as condições democráticas para tal. Por isso houve eleições livres para a Constituinte de 1975, cuja Constituição foi aprovada em 2 de abril de 1976, daí originando, também, um poder autárquico democrático, enfim, restituir a liberdade ao Povo. -----

Já muitos escreveu sobre o 25 de Abril, mas não é demais lembrar que não nos esqueçamos desta data, pois sofremos quarenta e oito anos de ditadura, repressão e combate à liberdade de pensamento. -----

Manter as conquistas alcançadas e que as futuras gerações continuem a lutar por valores e ideais de Abril. Os valores de Abril são intemporais. Abril não é só passado, é presente e futuro. Viva o 25 de Abril, viva a República, viva Portugal!” -----

***Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada, Senhor Vogal da Junta Manuel Ferreira. Em nome da Mesa da Assembleia de Freguesia vai usar da palavra a senhora segunda secretária, a senhora Deputada Elsa Sacramento.” -----*

***Segunda Secretária da Mesa da Assembleia, Elsa Sacramento:** “Boa noite minhas senhoras e meus senhores aqui presentes e aos que estão em casa. -----*

Estamos hoje aqui todos reunidos para celebrar mais um aniversário do dia que muitos pensavam ser só uma utopia, o 25 de Abril, dia em que foi conquistado o direito à liberdade de expressão, à igualdade dos direitos, o direito de exercer a democracia e



para prestar um merecido agradecimento aos militares de Abril que encetaram a revolução. Muito obrigada senhores militares. -----

É necessário recordar o que esta data significa e que aos capitães de abril tanto custou alcançar. Durante anos viveu-se em ditadura, em opressão, sem direitos, liberdades e garantias, opressão de liberdade, de opinião, de expressão, é um dos maiores atentados à dignidade humana. -----

Um Abril, que às vezes por ser dado como adquirido, é esquecido, esquecido de tal forma que, cada vez mais, os mais novos se afastam e se desinteressam da vida política, e até do dever cívico de participação na vida Democrática do nosso país, quanto mais não seja através do exercício do direito de voto, porque ainda há muito caminho para fazer no combate as desigualdades e nós, enquanto Poder Local, temos o dever de transmitir aos mais novos que Portugal não era como o encontramos hoje. Precisamos de educar os nossos jovens para os valores da democracia e de os lembrar que as principais funções da democracia assentam na base da justiça social e na proteção dos direitos humanos fundamentais, como a liberdade de expressão, de religião, da participação na vida política, cultural e económica da sociedade. Neste sentido reconheço aqui o empenho da nossa Presidente, e do nosso Partido, para o envolvimento que faz com a população na participação da comunidade, tentando envolver os moradores no desenvolvimento da comunidade pelo contacto direto que realizam nas deslocações aos bairros no âmbito da “Junta no Bairro”. -----

Se acreditarmos que todos juntos somos mais fortes e que é nas diferenças de opiniões que nascem as melhores soluções, teremos com certeza um país melhor onde a vontade de vencer, a solidariedade, e o respeito por todos e pelas instituições será uma realidade e onde todos nós, sem exceção, teremos um papel crucial a desempenhar. Penso que nunca é demais recordar que a data de 25 de Abril de 1974 é para todos aqueles que amam a democracia, a conquista mais feliz para o povo português. A democracia, podendo não ser perfeita, é o melhor todos os sistemas políticos. -----

Atualmente assiste-se a atos de guerra, a atos de terrorismo, xenofobia, racismo, atitudes extremismo religioso, o medo começa a imperar um pouco por todo o mundo, os partidos extremos, de direita ou de esquerda, começam a ganhar terreno, estão a levar a democracia a viver um tempo sem precedentes de privação e violação dos direitos humanos. -----



Como uma liberdade que celebra os seus quarenta e oito anos, temos de ter memória e dar a conhecer, talvez aos mais esquecidos, que a ditadura não é solução. Não podemos esquecer que, mais uma vez, o nosso pequeno País foi grandioso, foi um exemplo para o mundo, conseguimos fazer uma revolução, um golpe de estado, derrotar a ditadura, implantar a democracia, uma revolução com cravos, cravos que enfeitaram as armas empunhadas pelos soldados. Façamos, hoje, essa imagem correr mundo, que ele precisa bem precisa. Viva Portugal.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada Senhora Deputada Elsa Sacramento. Chegámos ao final da parte política da nossa Assembleia, da nossa celebração do 25 de Abril. Iremos, portanto, passar à parte cultural. A cultura faz parte da Revolução, e temos uma primeira parte dedicada à leitura de poemas. -----*

E assim, pedia ao Senhor Deputado Luís Matias para dizer o seu poema.” -----

Deputado Luís Matias: *“Bem, vou aproveitar para agradecer a presença do nosso outro convidado, o músico José Coelho. -----*

O poema que vos trago hoje, confesso que quando fiz a pesquisa saltou-me à vista e não podia ser outro, foi logo o primeiro. -----

É de autoria de José Couto, não sei se é de autoria de um bom amigo, o Juiz José Manuel Couto, já aposentado, também ele Comando, mas irei questionar se, realmente, é dele ou se é de um homónimo. Chama-se “Isso sim é Liberdade”. -----

“Não nos deixemos subjugar / vamos dizer a nossa vontade / ninguém nos pode amordaçar, / isso sim é liberdade -----

Vamos dar asas à imaginação / criar belas artes com vaidade / expressar o que sente o coração, / isso sim é liberdade -----

Escrever o que nos vai na alma / exprimir o sonho que nos invade, / sem medo sereno e com calma, / isso sim é liberdade -----

Respeito, entretajuda, alegria / amor, fraternidade, igualdade / opinião, expressão, sabedoria, / Isso sim é liberdade.” -----

E também a lutar contra as cercas. Obrigado.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: *“Muito obrigada Senhor Deputado Luís Matias. Senhor Deputado João Monteiro. -----*

Deputado João Monteiro: “O breve poema que vos trago hoje é de Margarida Valença. Margarida Valença é uma jovem ex-moradora aqui da nossa Freguesia, e escreveu este poema que eu vou partilhar convosco. -----

“Preciosa Liberdade conquistada / Aos 25 dias do mês de Abril / Sem ela agora não seríamos nada / Teríamos um país mais febril -----

Às urnas podemos ir com alegria / Livremente damos a nossa opinião / Haverá a pecadora da demagogia / Mas nada se compara à cruel prisão -----

Os direitos nunca estão garantidos / Usa o teu voto com sabedoria / Aos fascistas não dês ouvidos / Aproveita a beleza da democracia” -----

Disse.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Muito obrigada Deputado João Monteiro. Senhora Deputada Joana Grilo. -----

Deputada Joana Grilo: “Este poema é de Alice Neto de Sousa escrito e apresentado para a Abertura Solene das Comemorações do 50º aniversário do 25 de abril de 1974 a 23 de março deste ano. “Março”. -----

“Caem chuvas de março sobre a cidade, / E digo este poema meio que sem vontade, / Porque me treme a voz em pensar em Liberdade. -----

Da janela, vejo os pássaros a arranhar os céus, / A cair em voos picados, / E percebo que mais vale falar do que silêncios entornados / Porque o silêncio, é como este entardecer / É como o início da dor, quando começa a doer / É uma liberdade tísica a querer gritar / E tudo quanto se ouve é oco / De tanto que nos ensinaram a calar / Quem é que ainda sabe falar? / Quem ressuscita um pássaro morto? -----

Sou livre, digo a rodopiar por baixo da chuva / A acender um maço, / A grafitar liberdade, / A tatuar um pássaro no meio do braço, -----

Porque as chuvas que me caem ainda são de março, / e algo me chove a mais dentro do peito, / como se os cravos se fossem murchar, / como se a liberdade fosse este vento, / como se nos quissem calar, / como se nos faltasse sangue no peito. -----

Caem chuvas de março, sobre os meus pés descalços, / As pétalas que me mancham são de abril / Eu disse, as pedras que me mancham são de mil -----

Que a liberdade, que vejo da janela / É um estado líquido aquoso, / É mais um desempregado, / É mais um vento, ventoso, / São os sem abrigo parados no Chiado, / É pintar os lábios a vermelho / É vestir uma farda, mascarar um país inteiro, / É o som da

colher a aquecer na esquina, / É mais o tacho a raspar de uma família, / A liberdade, é uma utopia/ E, eu sei, sou poeta e tenho miopia, / Mas de onde vejo não somos todos iguais, / Que as chuvas que molham uns, / Silenciam todos os demais. -----

A Liberdade, / É a trincheira dos meus dias, / É dispersar as multidões em continência, / É um chorar sinuoso como a calçada, / É abraçar as mães, os pais, os filhos, as filhas, a madrugada. / É um vai ficar tudo bem, / Com certeza de quase nada. / E não só de pão e água e se faz um continente, / É preciso terra, é preciso dar uma alma a toda a gente, / Que a liberdade é muito mais do que uma mensagem secreta, / Uma indireta, escondida no meio do poema, / E não é sobre política, / É sobre ser poeta, é sobre ser poeticamente correta. / Porque caem chuva de março sobre a cidade, / E algo me chove a mais dentro do peito, / O tempo é de cortar a respiração, / A apneia que sinto é a de pensar / As pétalas que me murcham são de abril / Eu disse, as pedras que me murcham são de mil / Caem chuvas de março sobre abril. -----

Com o tejo preso nos olhos, / Continuo a tentar entender, / Como o medo zigzagueia o passo, / Como se envelhecem as peles no cansaço, / É esta a mesma luta que começamos há anos atrás? / Ia jurar que estes marços me sabem a todos iguais. -----

Cai o maço, raso na janela, / Já se ouvem as canções, / Os pássaros da primavera, / Dá-me um cravo na boca para recomeçar, / Que mesmo com os corações desafinados, / Vamos marchar, marchar, marchar.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Senhor Deputado Renato Caldinhas. –

Deputado Renato Caldinhas: “Boa noite, mais uma vez. A minha colega Lourdes ligou-me, uma noite, e disse “Renato, vais ter um desafio no evento da Assembleia, relativamente ao 25 de Abril, que é fazer um poema”. E eu fui pesquisar, e a minha mulher, que é professora de português, disse-me “ah eu ajudo-te a fazer um” e acabei num tão simples, e o 25 de Abril é recordar, e para além de recordar todo o 25 de Abril, os militares e toda a sua história, e pretendo, também, homenagear o meu avô. O meu avô tinha uma expressão, que eu não sabia o que era, quando aconteceu o 25 de Abril e eu, como sou mais novo, não sabia o que era. -----

Vou aproveitar, pela primeira vez, dizer este poema, de Sérgio Godinho, "Sou português de coração e raça / Não há talvez maior fortuna e graça". -----

“Sou português de coração e raça / meio século comido pela traça / fechados numa caixa / e agora ou vai ou racha / e agora ou vai ou racha -----

Agora vamos é ser / donos do nosso trabalhar / em vez de andar para alugar / com escritos na camisa / e o dinheiro que desliza / do salário prá despesa / compro cama vendo mesa / deito contas à pobreza -----

Sou português de coração e raça / meio século comido pela traça / fechados numa caixa / e agora ou vai ou racha / e agora ou vai ou racha -----

Agora vamos é ser / donos do nosso produzir / em vez de ter que partir / com escritos numa mala / e a idade que resvala / do nascimento prá morte / vou pró leste perco o norte / e o meu corpo é passaporte. -----

Sou português de coração e raça / meio século comido pela traça / fechados numa caixa / e agora ou vai ou racha / e agora ou vai ou racha” -----

Obrigado. -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Senhora Deputada Sofia Peralta” ----

Deputada Sofia Peralta: “Boa noite a todos. Este poema tem uma história. É em memória de um homem que se chamava João Barata. Ele foi assassinado em Angola, atirado de uma janela, pela PIDE. Era amigo do meu avô, e até aos seus últimos dias ele sempre lamentou esta morte trágica. O meu poema reflete, no fundo, os seus últimos momentos. Chama-se “Adeus”. -----

“Sentiu na noite escura / sua alma triste pura / um chamamento real / Seu rosto se crispou / pelas grades vislumbrou / um negrume intemporal / Negra a morte que apelava / estendendo a sua mão alva / tocando seu triste rosto assim / como uma carícia perdida / que lhe roubava a vida / que o tirou de ti / atirado pela janela, torturado / um homem amado / morreu ali.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Senhora Deputada Idália Tiago” ----

Deputada Idália Tiago: “Boa noite a todos e a todas. Isto não é um poema. -----

“De todos os lugares de trabalho confluem as máquinas, o grande avanço dos blindados, ai esta linguagem guerreira, quem a pudesse esquecer, são tractores que avançam, vão devagar, é preciso ligar com os que vêm dos outros sítios, estes já chegaram, grita-se de um lado para outro, e a coluna engrossou, torna-se ainda mais forte lá adiante, vão carregados os atrelados, já há quem caminhe a pé, são os mais novos, para eles isto é uma festa, e então chegam a herdade das Mantas, andam aqui cento e cinquenta homens a tirar cortiça, juntam-se todos com todos, e em cada herdade que ocuparem ficará um grupo de responsáveis, a coluna já leva mais de quinhentos

homens e mulheres, seiscentos, não tarda que sejam mil, é uma romaria, uma peregrinação que refaz as vias do martírio, os passos desta cruz. (...) em todos os montes e herdades são tomadas as chaves e escritos os inventários, somos trabalhadores, não viemos roubar (...) A guarda saí do posto, os anjos varrem o céu, é dia de revolução, quantos são. (...) aqui neste virar do caminho está João Mau-Tempo a sorrir, (...) E olhando nós de mais longe, de mais alto, da altura do milhano, podemos ver Augusto Pintéu, o que morreu com as mulas na noite do temporal, e atrás dele, quase a agarrá-lo, sua mulher Cipriana, e também o guarda José Calmedo, vindo doutras terras e vestido à paisana, e outros que não sabemos os nomes, mas conhecemos as vidas. Vão todos, os vivos e os mortos. E à frente, dando saltos e as corridas da sua condição vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal.” -----

‘Levantado do chão’, José Saramago. Viva o 25 de Abril, fascismo nunca mais. -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “*Senhor Deputado José Ferreira.*” -----

Deputado José Ferreira: “*Homenageando todos os Capitães de Abril, vou recitar o poema de Manuel Alegre sobre o Salgueiro Maia.*” -----

“Ficaste na pureza inicial / do gesto que liberta e se desprende. / Havia em ti o símbolo e o sinal / havia em ti o herói que não se rende. -----

Outros jogaram o jogo viciado / para ti nem poder nem sua regra. / Conquistador do sonho inconquistado / havia em ti o herói que não se integra. -----

Por isso ficarás como quem vem / dar outro rosto ao rosto da cidade. / Diz-se o teu nome e saís de Santarém / trazendo a espada e a flor da liberdade.” -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “*Senhor Vogal Manuel Ferreira.*” -----

Vogal Manuel Ferreira: “*Isto é um poema que eu fiz de repente quando li a notícia “17.500 dias em liberdade, mais um do que durou a ditadura”. Pus-lhe o título ‘A Democracia venceu’.* -----

A ditadura foi negra / apenas se via a luz / pelas noites de luar. / Presseguição era a regra / a que sempre nos conduz / quem quisesse ousar falar / encarcerados então / em levadas de condenados / que sofriam privações / iam parar à prisão / infelizes e desgraçados / carregavam ilusões. -----

Agora que já passou / esse tempo em que as masmorras / ofendem a democracia / esse momento bastou / apenas algumas horas a ver a luz do dia” -----



Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Irei ler, também, um poema, intitulado ‘Liberdade’. Este poema é de Luís Natal Marques. -----

“Quando abrires os olhos cala bem fundo o teu futuro na multidão / arremeça-o certo porque é nas torrentes o lugar dos que confiam na existência de um algures absoluto / onde se pressente a luz e as palavras se escutam mesmo que ninguém fale / e quando não aches contentamento na pregação das virtudes, quando os sermões por mais exaltados te fizerem sentir um sossego estranho no corpo e na alma / poderás então gritar a palavra e com a mesma incerteza com que amanhã lançarás os dados / terás junto de ti, sem que disso te dê conta, a evidência de todas as coisas.” -----

Gostaria agora de convidar alguém que esteja connosco, que não faça parte da Assembleia e da Junta de Freguesia, e que queira dizer um poema. -----

Só peço que se apresentem ao microfone.” -----

Conceição Sobrinho: “Boa noite a todos, sou Conceição Sobrinho, moradora aqui da Freguesia. Boa noite à Mesa. -----

Dando sequência ao que o José Ferreira falou, sobre a Maria Teresa Horta, ‘Minha senhora de mim’, vou ler um pequeno poema. -----

Quando Maria Velho Costa lançou o desafio “se uma mulher sozinha causa toda esta confusão, este burburinho, esse escândalo, o que aconteceria se fôssemos três?” e daí nasceu o livro ‘Minha senhora de mim’. -----

“Comigo me desavim / minha senhora / de mim -----

sem ser dor ou ser cansaço / nem o corpo que disfarço -----

comigo me desavim / minha senhora / de mim -----

nunca dizendo comigo / o amigo nos meus braços -----

comigo me desavim / minha senhora / de mim” -----

Obrigada.” -----

Elsa Vilar: “Faço parte da Tertúlia Transmontana, da Casa de Trás-os-Montes, e o Coronel Jorge Golias pediu-me para ler uma pequena quadra de Sophia de Mello Breyner chamada ‘25 de Abril’”. -----

“Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo” -----



Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Iremos ter agora uma parte musical, com o nosso amigo, porque já é um amigo em várias Sessões do 25 de Abril, José Augusto Coelho. -----

José Augusto Coelho, para além de músico, é também pintor. Nasceu em Vale de Frades, no Vimioso, em 1947. Pintor criativo, beneficia de longa experiência profissional pluridisciplinar. Desenvolveu atividades de design, quer enquanto projetista de arquitetura e engenharia, quer como gráfico publicitário. Iniciou o estudo das artes no curso de pintura na Casa Pia de Lisboa. Aí foi discípulo do pintor Álvaro Perdigão, do professor-escultor Hélder Batista, e de Raúl Xavier. A sua formação artística académica conclui-se na escola de Artes Decorativas António Arroio, que fica na Freguesia da Penha de França. Frequentou a secção preparatória da Escola Superior de Belas Artes. Retirado das áreas do design profissional, passa a dedicar-se a tempo inteiro à pintura e à música. Autodefine-se como “um universo de ideias e concensos, a cor e a fantasia entram em diálogo figurativo abstrato onde a tônica dominante é a geometria intuitiva sustentada no imaginário quando vagueio no deslumbramento da natureza”. Tem várias exposições individuais e coletivas. Como músico pertenceu ao conjunto dos Maranhos, e tem estado presente nas nossas celebrações do 25 de Abril desde 2019. -----

José Augusto Coelho, músico e pintor.” -----

José Augusto Coelho: “Obrigado a todos. É um prazer enorme estar aqui, mais uma vez, neste encontro, e contem sempre comigo. Uma saudação especial amiga para todos vós dentro deste âmbito do 25 de Abril, uma data que é comemorada por todos nós. ----

Se me permitem, uma saudação especial ao amigo Coronel Jorge Golias, como Capitão de Abril, e transmontano. Somos do mesmo distrito. Obrigado a todos e até sempre. -----

Vou cantar umas canções ao meu modo, relembrando cantores que não cantam só para o presente, cantaram e cantam para o futuro, e selecionei Adriano Correia de Oliveira e Zeca Afonso. Espero que gostem. Vou fazer os possíveis para cantar. Cada pintor pinta-se a ele próprio, e cada cantor canta-se a ele próprio. Muito obrigado a todos pela vossa presença.” -----

[Momento musical] -----

Senhora Presidente da Mesa da Assembleia: “Vamos encerrar esta nossa Sessão. A nossa Junta de Freguesia oferece a todos um porto de honra, mas antes disso pedia que



pegássemos no nosso programa, virássemos para a parte de trás, e cantássemos todos aquela música que nunca morrerá e que nós iremos lutar para que nunca morra – a Grândola Vila Morena. Muito obrigada a todos.” -----

A **Senhora Presidente da Mesa da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, deu por encerrada a Sessão pelas vinte e duas horas e vinte e oito minutos, da qual se lavrou a presente Ata, que vai ser assinada por mim, funcionário desta Autarquia, pela Presidente, pelo Primeiro e pela Segunda Secretária da Mesa da Assembleia de Freguesia de Freguesia. -----

O Funcionário

Alexandre Ribeiro

O Primeiro Secretário da Mesa da Assembleia

João Carlos Ventura Ramos

A Presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia

Maria Luísa Vicente Mendes

A Segunda Secretária da Mesa da Assembleia

Elsa Maria Noura do Sacramento